



O texto demonstra, com números, o grande prejuízo causado com a desativação do Hospital Pérola Byington e exemplifica com a questão do câncer de mama.

VIDAS E MAMAS JOGADAS NO LIXO

Correio Popular
Artigo publicado em 07.01.00

O câncer de mama é a neoplasia que mais mutila e leva a óbito mulheres brasileiras. Isso ocorre principalmente pelo diagnóstico tardio que, infelizmente, é feito em 70% dos casos.

Recentemente, a Secretaria de Saúde do Rio Grande do Sul mostrou o seu custo financeiro: enquanto se gasta R\$ 1.056,00 para tratar um caso de diagnóstico precoce no Estádio Clínico I (EI), depende-se R\$ 5.488,00 para tratar cada caso, quando o diagnóstico é tardio (EIII e IV). Campinas já havia demonstrado isso na década de 60, com o Programa de Detecção de Câncer de Colo, que hoje é reconhecido internacionalmente.

Extrapolando os gastos do Rio Grande do Sul para o Brasil, chega-se ao valor de R\$ 182.956.000,00 para tratar os casos de câncer de mama, durante um ano. Este mesmo cálculo, usando-se a distribuição de diagnósticos que vínhamos conseguindo, aplicando a metodologia da atenção integral nos ambulatórios do Hospital Pérola Byington – com a qual diagnosticávamos 55% dos casos precocemente (EI ou antes), apenas 15% de casos avançados (EIII e IV) e 30% de EII - gastaríamos R\$ 93.794.200,00, metade do que estamos gastando no País e com duas vantagens adicionais que

superam a financeira: reduziríamos em 60% a mortalidade e amputaríamos apenas 30% das mamas.

Isto, por incrível que possa parecer, seria perfeitamente possível, pois, o Hospital Público Pérola Byington, que sobrevivia só com o orçamento do Estado e pagamentos do SUS, oferecia serviços totalmente gratuitos e não tinha segunda porta para convênios ou particulares – portanto, reproduzível para a realidade brasileira.

Câncer de mama é apenas uma das patologias que demonstramos ser possível manter sob controle, de forma simples, barata e eficiente, com esse modelo economicamente viável, de atenção multiprofissional integrada e simplificada, que foi discutido e aprovado em duas reuniões da OMS, Banco Mundial e Federação Internacional de Ginecologia e Obstetrícia (FIGO) (Washington, abr./98 e Londres, out./99). O “paper” que relata essa experiência foi aceito, no mês passado, para publicação no “International Journal of Obstetrics and Gynecology”.

Esse ambulatório – que demonstrou poder controlar também, e com a mesma estratégia, o câncer de colo, hipertensão, diabetes, doenças sexualmente transmissíveis e outras – foi o 1º a ser desmontado no Pérola, após a mudança de direção, pois, no dizer do Secretário de Estado da Saúde, desvirtua a hierarquização do Sistema de Saúde e descaracteriza um Centro de Referência.

Isto foi melancolicamente relatado, com todas as letras, pela diretoria atual do Hospital Pérola Byington, quando depôs na Comissão de Saúde da Assembléia Legislativa de São Paulo, em dezembro de 1999, festejando a “economia” de recursos decorrente do fim desse ambulatório que atendia 2000 mulheres por dia, por eles denominado de “gordura dispensável”.

É inútil polemizar com os autores dessa façanha, concordo com Gramsci, quando escreve: “na frente ideológica a derrota dos seguidores menores tem importância insignificante, nela é preciso lutar contra os mais eminentes”.

O pior é que, em ideologia de saúde, não é fácil identificar hoje, no poder, os eminentes. Meu objetivo é mostrar – também, aqui dentro do País – o que está sendo destruído e porque foi construído, para permitir, um dia, sua recuperação, pois, historicamente tendo a concordar com Plekhanov que “a humanidade só se coloca tarefas que pode resolver e que só surgem quando as condições materiais da sua resolução já existem”.

O Hospital Pérola Byington nunca desvirtuou sua condição de “referência”, pelo contrário, exerceu-a na plenitude, pois, sempre atendeu todos os casos mais complexos encaminhados, além de criar modelos de atenção que pudessem ser multiplicados para mudar a realidade de saúde do País. Isso era feito através de “pesquisa operacional contínua”, que é a que hoje mais necessitamos para saltar o fosso vergonhoso que existe entre o muito que sabemos e o pouco que realizamos pela saúde do nosso povo. Esse é, no seu conjunto, o verdadeiro e moderno papel de um Centro de Referência: resolver casos complexos, fazer pesquisas inteligentes que possam mudar a realidade do País e ensinar para multiplicar essas ações. Para isso foi montado no hospital e funcionava bem, uma pós-graduação de alto nível, com dois professores titulares, 20 outros professores livres docentes e doutores e mais de 30 alunos, de mestrado e doutorado, alguns elaborando teses sobre diferentes aspectos desse modelo inovador. Um bom exemplo semelhante é o Hospital da Mulher da UNICAMP (CAISM).

Não sei classificar essa atitude entrópica da Secretaria de Saúde do Estado. Ou ela provém de um excessivo desconhecimento ou atende interesses econômicos, transferindo as pacientes públicas para o setor privado, usando muitas vezes os próprios

O Hospital Pérola Byington nunca desvirtuou sua condição de “referência”, pelo contrário, exerceu-a na plenitude, pois, sempre atendeu todos os casos mais complexos encaminhados, além de criar modelos de atenção que pudessem ser multiplicados para mudar a realidade de saúde do País



públicos para fazê-lo e estimulando a venda de remédios caríssimos (quimioterápicos e outros), sem qualquer preocupação com a vida e com o sofrimento das pessoas. Acima de tudo, estes senhores destroem um tipo de atendimento inovador e produtivo dizendo que ele deveria estar na periferia, sem oferecer qualquer alternativa semelhante nos Centros de Saúde, com uma visão sistêmica arcaica, míope e insensível que deveria, há muito tempo, ter sido substituída por uma análise estruturalista moderna e humana. Ignoram fato essencial do processo de desenvolvimento, de que, se quisermos resolver nossos problemas de saúde (e outros também), não podemos copiar modelos alienígenas porque são históricos ou ectópicos. Por não vestirem nossa realidade, não funcionam. Para avançarmos, devemos criar, com inteligência, experiência e pesquisa, nossos próprios modelos e mais do que isso - essa é a mais recente e inusitada lição - impedir que propostas sérias (e vidas) sejam classificadas como gorduras pelos neoliberais de plantão e jogadas no lixo.